



MAPEAMENTO SÓCIO-AFETIVO NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM MULHERES MARISQUEIRAS.

Gwendoline Jacqueline Mignot; Jhuliany Xavier Garcêz; Paula Suzelle Santos Amorim; Talita Alves Estrela; Aline Maria Barbosa Domício Sousa.

Universidade de Fortaleza (UNIFOR) / E-mail: interlocucoes@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo compreender os aspectos socioculturais presentes nas relações de gênero e sexualidade das marisqueiras do Requenguela, através do mapeamento das demandas e/ou necessidades dos moradores da região. Faz parte do projeto “Expressões socioculturais nas relações de gênero, sexualidade e trabalho com mulheres no litoral do Ceará, Brasil”, cadastrado no Núcleo de Pesquisa da Universidade de Fortaleza em parceria com a ONG Caiçara. Foi desenvolvida entre Março e Dezembro de 2015, pelos/as bolsistas do Grupo Interloquções de estudos multidisciplinares sobre corpo, gênero e sexualidades. A estratégia metodológica foi a investigação-ação-participativa que teve início por meio do contato com lideranças para realização de vinte visitas domiciliares às marisqueiras com foco nas perguntas norteadoras: de que maneira as expressões socioculturais produzidas na comunidade afetam o dia-a-dia do trabalho pescatório? Destas expressões ambientais e socioculturais, quais as representadas pela comunidade de maneira discriminatória? Os dados coletados foram compreendidos à luz da técnica da análise do discurso que possibilitou a construção de um mapa sócio-afetivo. A relevância da pesquisa encontra-se no uso dos referenciais feministas desconstrucionistas em interface com a psicologia comunitária que permitiu a problematização dos campos de produção do conhecimento acadêmico e do senso comum numa ação política de reflexão acerca da noção de poder e de patriarcado. Os resultados demonstram que é possível a produção local de ações contestatórias a partir do momento no qual as mulheres refletem seu modo de vida e modificam seus processos de subjetivação.

Palavras-chave: mapeamento sócio-afetivo, sexualidade, gênero, intervenção comunitária.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como principal objetivo compreender aspectos socioculturais presentes nas relações sociais de gênero e de sexualidades das marisqueiras da comunidade do Requenguela, através do mapeamento das demandas e das necessidades dos moradores. Pretendemos tornar explícito de que forma as representações socioculturais relacionadas ao papel da mulher nas comunidades modificam a rotina das marisqueiras, em seus trabalhos.

Este trabalho acadêmico foi construído a partir das nossas vivências na comunidade litorânea Requenguela, litoral leste do Ceará, Brasil. A equipe que apresenta este trabalho é composta por oito bolsistas integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas Interloquções da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) ¹.

Como pesquisadoras, nos interessamos por realizar um mapeamento das expressões socioculturais sobre as atividades produtivas das mulheres marisqueiras e algicultoras no

¹ Participamos de supervisões e estudos com a supervisão da Profa. Dra. Aline Domício Sousa.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

litoral. Um dos nossos pressupostos foi de que as relações assimétricas desencadeadas pela heteronormatividade dos gêneros (re) criam e sustentam dicotomias de discriminação contra a mulher, mais especificamente, contra as marisqueiras e algicultoras que convivem em locais rurais e que têm seus corpos regulados através de práticas segregacionistas e ações patriarcais que limitam a expressão subjetiva feminina. Compreendemos que uma estratégia importante seria motivar a marisqueira a olhar seu cotidiano de outras maneiras e intermediar ações de contestação biopolítica capazes de mudar historicamente as representações e os simbolismos de gênero e de sexualidade que os familiares e moradores possuem sobre sua identidade.

Aqui pretendemos discorrer sobre nossa estratégia de mapeamento socioafetivo, tendo como fundamentação teórica autores/as como Domício e Nogueira (2010), Montero (2004), Quintal (1998), Góis (2008) e Sawaia (2000). Utilizamos a Investigação-Ação Participativa (IAPA), como metodologia, atuando a partir do (re) conhecimento do lugar comunidade e do contato com lideranças para conhecimento dos projetos sociais na região, além de visitas e entrevistas domiciliares aos moradores para estabelecimento de vínculo com a população, assim como o uso do diário de campo, como ferramenta de registro das impressões e dados coletados pelos/as pesquisadores/as.

O diário de campo é parte integrante da observação participante, tornando-se mais que uma técnica, haja vista ter como meta facilitar as maneiras pelas quais o/a pesquisador/a tem acesso às fontes de informações informais e oficiais das comunidades (REY *apud* FRIZZO, 2010), indo além da análise dos dados estatístico-geográficos, mas, sobretudo, dando ênfase à produção crítica e ao contexto histórico de produção dos mesmos.

Com a parceria da Associação Caiçara, as intervenções em campo tiveram início em agosto de 2015 com o processo de observação participante que possibilitou um levantamento inicial das demandas e das necessidades da comunidade do Requenguela. Os pressupostos vivenciais preconizados por Góis (1993) com base no pensamento desenvolvido por Dilthey e Merleau-Ponty (*ibidem*) colocaram-nos de maneira vivencial no cotidiano das mulheres e, acima de tudo, produziram sentidos aos seus modos de vida. Neste processo, o que nos chamou atenção foi à perspectiva de não contestação da rede ideológica que legitima de forma isolada o papel dos homens como “pescadores” e reserva, às mulheres, o papel de “marisqueiras”. Recordamos que esta visão foi a primeira que utilizamos nas visitas domiciliares com os moradores para indagar: “e, aqui, na comunidade, existem pescadoras e marisqueiros?”. Deste modo, fomos, pouco a pouco, apreendendo as metáforas cotidianas,



produtoras de significação, e o olhar crítico da equipe foi sendo delineado de modo a refletir sobre a noção de patriarcado na atualidade. Atuando de maneira silenciosa (e silenciada), as mulheres, até então, sobreviviam passivas diante da realidade e fortaleciam estas visões.

Este artigo tem como objetivo descrever detalhadamente de que forma esta proposta de pesquisa interventiva foi ganhando contornos de reflexão desconstrucionista até o ponto em que construímos com em parceria local um mapa socioafetivo capaz de intermediar o diálogo transformador para as marisqueiras.

METODOLOGIA

Nossa atuação iniciou no ano de 2015, a partir do momento em que houve o contato de uma das organizações não governamentais de Icapuí, intitulada *Associação Caiçara*, com a UNIFOR² através da ideia de estabelecimento de uma parceria institucional com objetivo de compreender os modos de vida das mulheres marisqueiras, moradoras das comunidades na zona litorânea cearense.

O interesse neste segmento deveu-se ao fato da Associação Caiçara já ter parceria com outras ONG's locais e projetos comunitários³ com marisqueiras, dedicando-se a melhorias na produção de algas e mariscos com vista à

² Universidade de Fortaleza.

³ “Projeto de Olho na Água” da ONG Brasil Cidadão, é exemplo de parceria, bem como a Prefeitura Municipal.

sustentabilidade, através do fortalecimento da cidadania e igualdade de oportunidades entre os gêneros. Neste contexto, também está o Grupo Interloquções, que concretiza estudos multidisciplinares sobre questões voltadas ao corpo, ao gênero e às sexualidades no eixo da intervenção comunitária.

Com os termos de convênio firmados, a equipe de alunos de psicologia (estagiários/as) foi definida, e tiveram início os estudos sobre as bases históricas e sociais de constituição da subjetividade, a partir da vinculação com o local de moradia.

Do ponto de vista teórico, o arcabouço proposto pela psicologia comunitária latino-americana fortaleceu a visão dos feminismos interseccionais na definição de duas perguntas norteadoras que balizaram a etapa da ação. Sendo assim, as primeiras idas ao município buscaram responder as seguintes questões: de que modo expressões culturais produzidas na comunidade afetam o dia-a-dia das mulheres no trabalho? Entre estas expressões, quais as que são representadas pela comunidade de forma discriminatória?

Como se tratou de um estudo inicial de conhecimento do território, delimitamos duas comunidades para conhecimento do modo de vida comunitário (GÓIS, 2008) que caracteriza a forma como as pessoas compreendem a teia de relações cotidianas que resulta na interação do aspecto cultural e



ambiental, além de geográfico e psicossocial. Entretanto, o que apresentamos neste trabalho é diretamente o levantamento de demandas e de necessidades da comunidade do Requenguela⁴. Nesta etapa, é importante ressaltarmos que usamos o olhar e a proposta etnográfica da Investigação – ação – participativa (IAPA) como orientadora das atividades e vivências em campo. Para o Jaime Júnior (2003), este método tem origem nos estudos da Antropologia Social propostos por Bronislaw Malinowski⁵.

O método etnográfico torna-se concreto na realização de *observações participantes*, onde o/a pesquisador/a se insere no campo a ser estudado, participa das atividades, convive com de forma cotidiana e, a partir disto, busca descrever suas próprias compreensões sobre a cultura dos grupos e/ou do lugar comunidade alvo das vivências. O diferencial desta forma de pesquisa é olhar a realidade com os olhos dos outros e com um esforço de suspender ideias pré-concebidas da realidade estudada.

O método segue um conjunto de regras: os pesquisadores devem estar familiarizados com a literatura etnográfica referente ao seu objeto de estudo; é necessário assegurar boas condições de trabalho; deve ser praticada a observação-participante, ou seja, viver entre os sujeitos estudados, sem a dependência de

outrem; aplicar métodos especiais de coleta, análise e registro das evidências, que podem envolver genealogias, diário de campo, fotos, imagens diversas, além de quadrossinóticos (MALINOWSKI *apud* JAIME JÚNIOR, 2003). Assim, a equipe Interloções realizou, em 2015, cinco viagens ao campo, totalizando nove dias de vivência nos meses de Fevereiro a Dezembro. O levantamento bibliográfico e os estudos sobre os temas da ação em campo foram realizados na própria UNIFOR, através de supervisão docente na área dos feminismos e psicologia comunitária, semanalmente.

Com o nosso *plano de ação* elaborado, os afetos e sentimentos dos moradores foram sendo vividos pela equipe durante a realização de vinte visitas aos/às moradores/as. Sarriera e Saforcada (2010) afirmam que os atores externos devem priorizar as vivências das condições de vida do lugar para desvelar crenças, redes de significados e/ou sentidos, valores e opiniões sobre determinados temas da pesquisa. Sendo um processo contínuo de estabelecimento de vínculos no sentido de desenvolver estratégias de ação conjuntas.

Para Quintal (1998), deve-se valorizar a construção de conhecimentos críticos mútuos interseccionando aportes teóricos e do senso comum em eixos consubstanciados pelo poder e ideologias do lugar comunidade. Sobre isto, acrescenta Montero (2004) que os/as

⁴ Primeira comunidade com mapeamento concluído.

⁵ Considerado fundador da antropologia social.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pesquisadores/as devem desvelar fortalezas, incoerências, fraquezas e lacunas do processo de ação comunitária.

Entretanto, o que nos despertou atenção no início desse processo foi a configuração do que Sawaia (2000) considera uma importante contribuição de Spinoza (1957, p.367) para a própria psicologia social, quer dizer, do ponto de vista da junção indissociável entre o corpo e mente, “os afetos não são só estados psicológicos constructo linguístico, mas fundamento do ser e do existir, portanto, da ética”. Ideia defendida pelas autoras Domício e Nogueira (2010) que atestam a possibilidade de junção dos feminismos no eixo da ação comunitária, através principalmente da técnica conhecida como *narrativas de vida*.

Ou seja, os afetos das pessoas alugar de moradia contribuem para vinculação destas ao cenário psicossocial de moradia e abrem caminhos para o entendimento vivencial sobre temas específicos, entre eles, as relações de gênero e sexualidades. Trata-se, sobretudo, da compreensão de que, embora o público inicial tenha sido as marisqueiras, a comunidade, como um todo, foi o cenário conectado com a produção da pesquisa em campo propriamente dita.

No caso desta comunidade, as narrativas e relatos autobiográficos foram transformados em um mapa afetivo na medida que os/as pesquisadores/as percebiam itens relevantes

nas falas dos moradores. Lima e Bonfim (2012) consideram esta uma forma estratégica de mapeamento psicossocial que, entre outras coisas, envolve o diagnóstico da comunidade que vai além da visão acadêmica ou técnica, pois propõe que a comunidade o legitime.

No caso, após a compreensão literal das entrevistas, através da técnica de análise do discurso (ORLANDI, 2005), bem como o uso de recursos imagéticos, tais como as *fotografias* realizadas pelos pesquisadores e os *desenhos* dos moradores sobre seus cotidianos, tivemos a concretização do mapa do Requenguela⁶.

Apresentamos este mapa aos moradores durante uma das reuniões comunitárias e foi possível observar que o mesmo passou por uma série de ajustes com o objetivo central de tornar mais claro às/aos pesquisadoras/es suas histórias de luta e compreensões sobre temas vinculados às sexualidades e às questões de gênero das marisqueiras.

Neste contexto, a equipe Interloquções e a parceria com os moradores fizeram com que a realidade do lugar fosse captada de maneira singular e inovadora, concebendo, no eixo das histórias de vida da comunidade, os aspectos principais de constituição do psiquismo. Tais informações completaram a primeira etapa e os resultados serão sistematizados a seguir.

⁶ Foram utilizados: cola, E.V.A, tesoura, palitos, fita adesiva, figuras e miniaturas de plástico, entre outros.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatamos, nesta primeira etapa, que a marisqueira sofre atitudes discriminatórias no sentido da atividade não ser considerada como um trabalho, mas somente geração de renda no tempo livre dos afazeres domésticos. Por outro lado, observou-se que a atividade do homem é vista como produtiva (sic), além deles serem representados “chefes da família” (sic). Percebemos que existem cenários que produzem de modo alienante uma série de relações assimétricas, desiguais (GÓIS, 2005), fragilizando o papel das mulheres e fazendo-as parte silenciosa da sociedade (DOMÍCIO; NOGUEIRA, 2010). Tais perspectivas afetam as representações da população, não permitindo a expressão afetiva do conhecimento crítico e transformador diante das opressões cotidianas (SAWAIA, 2000), impedindo-as de contribuir na igualdade de gênero e na defesa dos direitos humanos.

Outros aspectos considerados pelos/as moradores/as durante a última reunião desta etapa foram: falta de uma estrutura para lazer, os jovens não têm oportunidade de trabalho, e com isso, acabam optando por sair da cidade em busca de crescimento financeiro em outras localidades, a urgente necessidade de criação de espaços para as crianças se desenvolverem

integralmente. Ainda relativo a esse contexto, outras questões foram abordadas, tais como a insatisfação com a gestão pública da cidade e o problema das drogas e violência.

Diante disto, nossa proposta⁷ é trabalhar em parceria com as comunidades na busca de alternativas para as questões abordadas, com foco nas representações e/ou nos simbolismos que envolve as questões de sexualidade e gênero, estimulando reflexões críticas acerca do modo de vida do lugar comunidade. Nosso objetivo foi facilitar o desenvolvimento para que a população possa se empoderar de sua realidade, tornando-se construtores/as da sua história.

Outrossim, queremos demonstrar como as perguntas norteadoras iniciais foram sendo, aos poucos, respondidas. A primeira delas foi elaborada no sentido de compreender de que maneira as expressões culturais produzidas na comunidade afetam o dia-a-dia da marisqueira no trabalho pescatório. Sentimos, entre outras estratégias, que há uma constelação de fatores que envolvem noções de poder do mesmo modo que reproduz estereótipos muito próprias do patriarcado, havendo claramente a necessidade de compreendermos o gênero não como estático, mas a partir da dinamicidade do que propõem os estudos interseccionais. E, neste ponto, a equipe Interloquções concorda

⁷ A pesquisa em campo tem previsão de continuidade no ano de 2016.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

com autores críticos como Piscitelli (2008) e Rodrigues (2013) que, ao reverem a forma de construção das noções de gênero, consideram que a separação destas de outras categorias é impossível. Dessa forma, há propostas de que o trabalho nesse enfoque seja revisto e que a construção desse processo adquira princípios da teoria da interseccionalidade, por exemplo.

Topa, Nogueira e Neves (2013) alertam para o fato de que o termo interseccionalidade foi criado conceitualmente na década de 90 e passou a ser visto como uma teoria que quer entender as imbricações nas várias multitudes que compreendem a mulher.

No caso das marisqueiras, o que surgiu no discurso das comunidades é a perspectiva que há um entrelaçamento do papel da mulher com o eixo produtivo da geração de renda na interface, digamos assim, com o trabalho dos homens, considerado por eles como “formal”. Existem considerações nesta pergunta que diz respeito a forma como os recursos imagéticos culturais permearam e também transmitiram aos descendentes do lugar a visão segregacionista dos eixos focados na nossa pesquisa. Quer dizer, a distinção sexo/gênero além de estar atrelada à biologia e ao substrato corporal, situa-se na centralidade indiscutível do gênero para a comunidade. Em outras palavras, não foi identificado pela equipe qualquer indício de contestação dessa maneira (aparentemente) segregadora de tratar as pessoas, independente

do que cada um/a compreende e o que cada visão orienta no contexto comunitário.

Sobre a segunda pergunta norteadora da pesquisa que questionou a forma como a rede de discriminações são reproduzidas no eixo comunitário, observamos que ocorre de forma cotidiana e velada com estratégias repassadas às crianças por meio do discurso das próprias mães e/ou mulheres.

Fato que nos leva a refletir acerca dos estudos organizados por Magalhães e Alvarez (2013), que tratam dos eixos cotidianos interseccionais discriminatórios. Sendo assim, as sexualidades das mulheres entrelaça-se na vida doméstica, assim como na geração de renda a partir dos mariscos, mas igualmente no uso corporal que seus companheiros fazem de si, além do desempenho do papel de mãe que a maioria exerce.

De forma mais clara, o que percebemos durante o mapeamento territorial é que tal qual a crença segregacionista intersubjetiva, os locais de pesca e catação de mariscos na beira do mar são igualmente diferenciados.

Enquanto cada um dos homens está no ancoradouro para o trabalho como pescador, atrás das árvores do mangue da comunidade, vemos as marisqueiras. Deste modo, também a posição corporal no manuseio dos mariscos ainda na maré, é, abusivamente, estereotipada.

Por último, não devemos esquecer que tais considerações foram tratadas na pesquisa



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

do ponto de vista sócio afetivo, o que implica contextualizar as estratégias emocionais que estão imbricadas na produção subjetiva desses discursos segregacionistas.

Nisso, Sawaia (2009) nos traz quando, a partir da filosofia de Spinoza, pensa (ou repensa) que não é possível uma condição humana que não esteja alicerçada (seja para o melhor ou para a escassez) em meios afetivos. Os espaços físico-ambientais, familiares e/ou de relações trabalhistas, por exemplo, moldam sempre a maneira pela qual nossa vinculação afetiva nos encoraja a mudar ou a fortalecer as posições e formas de vermos o cotidiano.

CONCLUSÕES

Os resultados desta etapa dizem quão importante é a apreensão das sutilezas sócio históricas e culturais do Requenguela no eixo da intervenção comunitária. O que ficou claro para os moradores é que existe um processo de vinculação dos/as pesquisadores/as com o dia-a-dia vivenciado no lugar e não somente a coleta direta de dados sobre a sexualidade e o gênero.

Além do olhar etnográfico, o método de vivência e análise da atividade comunitária de Góis (2008) foi fundamental para a moldagem dos processos subjetivos propostos na relação pesquisadores-informantes. A continuidade da pesquisa fortalecerá a compreensão crítica e o

olhar interseccional tão importante no interior dos estudos feministas e, a cada leitura desse processo de compreensão cultural, cada um/a dos/as alunos/as tratará de repensar de forma crítica o compromisso social do psicólogo na certeza de que a revolução maior das ciências humanas e sociais, quiçá de todas as outras, é a capacidade de colocar-se no lugar do/a outro/a para, enfim, (re)fazer-se a si mesmo.

Pensando desta forma, cabe refletir que a vivência dos/das pesquisadores/as colaborou para que o conhecimento sobre as relações de gênero e/ou sexualidade da própria equipe fosse igualmente repensada. Trazendo-nos, entre outras coisas, a certeza de que não é suficiente o domínio de conteúdos teóricos específicos, mas, ao contrário, deve atuar no sentido de possibilitar à equipe a necessária contextualização crítica dos fatos vivenciados (SAVIANI, 2008) para que a mesma seja capaz de co-facilitar processos semelhantes, porém, específicos, com os grupos comunitários. Por isso, concordamos com Abrantes e Martins (2007) ao dizerem que o conhecimento sobre a realidade origina-se de um conjunto vivo de sensações e percepções, concretizando-se por meio da linguagem para possibilitar aos seres humanos o desenvolvimento da consciência e dos fatos no dia-a-dia. O sensorial passa a ser base central para a produção do conhecimento científico. Por fim, o resultado desta pesquisa,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

encontra-se no eixo da (des)construção das relações de gênero como interagindo no eixo biológico, mas, sobretudo, tornando-se uma questão política e militante dentro da própria ciência.

AGRADECIMENTOS

À ONG Caiçara.

À Aparecida Alcântara, à Madalena, à Paula e ao Padre Lopes que nos acolheram em campo.

Aos diretores da ONG Brasil Cidadão: LeinadCarbogim e Bosco Priamo.

À Associação de Moradores do Requenguela.

À todos/as participantes do Grupo de Estudos Interloquções da Universidade de Fortaleza.

Agradecimentos para a profissional Nathalie Sá Cavalcante, doutoranda do Programa em Literatura Comparada da UFC (Universidade Federal do Ceará) que de forma dedicada nos ajudou na revisão final deste trabalho.

À Conceição Nogueira pela parceria docente nas atividades do Grupo Interloquções.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Angelo; MARTINS, Lígia. A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 11, n. 22, p. 313-325. maio-ago. 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/8654>>. Acesso

em: 12 fev. 2016.

DOMÍCIO, Aline M. Barbosa; NOGUEIRA, Conceição. Fronteiras do corpo, gênero e as metodologias feministas nos espaços de intervenção comunitária. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15. 2009, Maceió. **Anais...** Maceió: Faculdade Integrada Tiradentes – FITs, 2009.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Psicologia comunitária. **Universitas Ciências da Saúde**, Brasília. v. 1, n. 2, p.277-297, 2008.

JAIME JUNIOR, Pedro. Pesquisa em organizações: por uma abordagem etnográfica. **Porto Alegre - Revista de Ciências Sociais**, Brasília, v. 3, n. 2, p.435-456, maio 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/129/124>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

LIMA, Deyseane Maria Araújo; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Mapeamento psicossocial participativo: Metodologia de facilitação comunitária. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 71, p.679-689, out-dez, 2012.

MAGALHÃES, Sara; ALVAREZ, Teresa (Org). **Romper fronteiras**. A interseccionalidade nas questões sociais de gênero e feministas. Vila Franca de Xira: APEM, 2013.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MONTERO, Maritza. Relaciones Entre Psicología Social Comunitaria, Psicología Crítica y Psicología de la Liberación: Una Respuesta

Latinoamericana. **Psykhe**, Santiago, v. 13, n. 2, p.17-28, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=96713202>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.) **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**: revista de ciências sociais, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul-dez., 2008.

RODRIGUES, Cristiano. A atualidade do conceito de interseccionalidade para pesquisa e a prática feminista no Brasil. In: 10º SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO O GÊNERO, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-10.

SARRIERA, Jorge ; SAFORCADA, Enrique. **Introdução à psicologia Comunitária**: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SAVIANI, Demerval. A função docente e a produção do conhecimento. **Educação e filosofia**, v. 11, n. 21-22, p.127-140, 2008.

SAWAIA, Burihan Bader. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Revista Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, vol. 21, n.3, p. 364-372, set./dez. 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a10v21n3.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

TOPA, Joana; NOGUEIRA, Conceição; NEVES, Sofia. Feminismos e estudos imigratórios: as contribuições da teoria da interseccionalidade no domínio da saúde materna. In: MAGALHÃES, Sara; ALVAREZ, Teresa. **Romper as fronteiras**. A interseccionalidade nas questões de gênero e feministas. Edição: Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, 2013, p.23-31.